

FLORESCIMENTO E DEGENERAÇÃO DO “ESPÍRITO DAS NAÇÕES”: UM ESTUDO DA HISTORIOGRAFIA DE VOLTAIRE

Maria Cristina Consolim *

RESUMO

Este artigo pretende identificar os fatores que, segundo Voltaire, contribuem para o florescimento e a degeneração do *espírito das nações*, bem como determinar a relevância das ações do soberano – de seu maior ou menor esclarecimento – nesse processo. Apesar de Voltaire enfatizar a importância dos “grandes homens” na determinação do destino das nações e, além disso, realçar o caráter abrupto e inesperado das transformações históricas, procura-se matizar essas concepções. A intenção é mostrar que Voltaire exprime, também, uma percepção de longo prazo do movimento da história e considera, além da dimensão propriamente política, fatores sociais e culturais na determinação do curso dos acontecimentos.

Palavras-chave: Voltaire, história, razão, causalidade, progresso.

ABSTRACT

This paper intends to identify the factors that, according to Voltaire, contribute to the growth and degeneration of the “spirit of nations” as well as to determine the relevance of the actions of sovereigns – the extent of their enlightenment - in this process. Voltaire often emphasizes the importance of “great men” in the destiny of nations, and the abrupt and unexpected nature of historical events. The intent of this paper is to take a more nuanced approach, showing the manner in which Voltaire perceives history as a long process and ponders not only the political aspects, but also the social and cultural dimensions that influence historical events.

Key-words: Voltaire, history, reason, causality, progress.

* Doutoranda da Universidade de São Paulo –USP.

Os textos históricos de Voltaire¹ convidam o leitor a conhecer os “costumes” e as “revoluções² do espírito humano”, através de uma “pintura fiel do que merece ser conhecido de bom e de mau”. “Somos forçados”, diz o autor, a “observar uma multidão de crueldades e de traições para chegar a algumas virtudes dispersas aqui e ali nos séculos, como refúgios em imensos desertos”. O objetivo do autor seria “instruir e aconselhar o amor pela virtude, pelas artes e pela pátria” e, principalmente, transmitir lições aos “bons príncipes” sobre aquilo que promove a felicidade dos Estados.³

A esse projeto de moralização, deve corresponder, em primeiro lugar, um objeto ou tema fundamental, qual seja, a “história do espírito humano”, uma história que tem um significado muito concreto para o autor: o retrato dos costumes, leis e artes dos povos ditos civilizados, em detrimento daqueles que, por permanecerem bárbaros, não merecem ser retratados. O resultado historiográfico dessa opção é a preferência pela história europeia, que ocupa a maior parte de sua obra, pois Voltaire considera que a história dos outros povos apresenta menos progressos e, mesmo nos casos mais exemplares de florescimento (China e Índia), ele detecta um processo de estagnação ou de degeneração num período posterior.

Em segundo lugar, esse projeto de esclarecimento exige uma opção metodológica: as fábulas e os romances devem ser substituídos pela *ciência da história*, o que implica a aceitação de critérios de verdade factual, comprovados por provas documentais ou fontes bibliográficas e, na sua falta, pelo critério da verossimilhança. Aliás, as próprias fontes devem ser criticadas pelo bom senso, pois ainda que na história algumas vezes acon-

1 A historiografia de Voltaire é bastante vasta e este artigo considera o *Essai sur les mœurs et l'esprit des nations et sur les principaux faits de l'histoire depuis Charlemagne jusqu'à Louis XIII*, organização de René Pomeau, Paris: Classiques Garnier, 1990, bem como as *Oeuvres historiques*, organização de René Pomeau, Paris: Gallimard, 1957. (Bibliothèque de la Pléiade) Nesta última obra constam as seguintes histórias nacionais: “Le siècle de Louis XIV”; “Précis du siècle de Louis XV”; “Histoire de Charles XII Roi de Suède”; “Histoire de la guerre de 1741” e “Histoire de l'empire de Russie sous Pierre le grand”.

2 O termo *revolução* é utilizado por Voltaire como sinônimo de “transformações extremamente rápidas” na história (por exemplo, quando se trata do progresso técnico) ou como “subversão no curso provável de acontecimentos”, neste caso envolvendo, frequentemente, acontecimentos casuais ou inverossímeis.

3 Cf. *Essai*, II, p. 815-817. Também no verbete *Histoire*. In: DIDEROT; D'ALEMBERT. *Encyclopedie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers, par une société de gens de lettres*. v. 1, t. 7-12. Paris: Briasson, David, Legbreton et Durand, 1756. p. 222.

teça o inverossímil, ela não abriga o impossível.⁴ Tais condições, diz Voltaire, impõem a neutralidade e a imparcialidade no tratamento dos fatos, pois “o historiador não deve ser de nenhum partido nem pertencer a nenhum país”.

Não obstante, o autor pretende guiar o leitor para que ele próprio julgue da “extinção, do renascimento e dos progressos do espírito humano”,⁵ o que significa que a tarefa exigida do leitor, de comparar e julgar os tempos ou épocas históricas, é contudo já realizada por Voltaire em sua própria obra.⁶ Na narrativa, os progressos são considerados, concomitantemente, um atestado do valor relativo do respectivo período, em comparação a todo o curso da história, ou melhor, da história conhecida. Há, portanto, um valor fundamental que organiza e permite julgar as épocas: o das *aquisições civilizatórias*, entendidas como um conjunto de costumes, opiniões, leis e artes ou, mais modernamente, valores, condutas e instituições sociais e políticas. Mais concretamente, Voltaire elenca como expressões do progresso de uma nação o desenvolvimento do comércio, da manufatura e da agricultura, a urbanização, o estabelecimento de leis fixas e uniformes, a adoção de um sistema jurídico e administrativo centralizado, o abrandamento dos costumes, o desenvolvimento da técnica e da ciência e o refinamento do gosto artístico. Algumas destas características são, por sua vez, ordenadas como se fossem etapas que devem ser percorridas conforme o grau de dificuldade que representam, algumas necessariamente antecedendo outras. Assim, uma nação só possui artes após ter aperfeiçoado suas leis e costumes; só possui belas-artes após ter aperfeiçoado as artes úteis; só possui ciência após ter reformado suas opiniões, fazendo a crítica do preconceito religioso e da metafísica. Por sua vez, dentro de cada domínio, os modelos (ou ensaios) mais rústicos antecedem as criações mais perfeitas, tendo estas a capacidade de acelerar, através da imitação, os progressos de uma nação. O florescimento das artes, das belas-artes e das ciências, portanto, é tributário do “espírito da nação” ou do “espírito do tempo” (seu

4 A crítica à historiografia religiosa, como a de Bossuet, por exemplo, é fundamental para o esclarecimento da nação. A intervenção divina na história ou a interpretação do curso dos acontecimentos à luz de supostos desígnios divinos deve ser descartada.

5 Cf. *Essai*, II, p. 900, 905-906.

6 Os *progressos* se referem, de modo geral, às opiniões e aos costumes ou, mais especificamente, às descobertas científicas, aos avanços técnicos e tecnológicos, à prosperidade material, às obras de gênio nas belas-artes, ao aperfeiçoamento da “ciência do governo” e da moral. O “espírito do tempo” é avaliado a partir do estágio de desenvolvimento das nações em cada um desses domínios. Cf. *Precis du siècle de Louis XV*. In: *Oeuvres Historiques*, p. 1566.

grau de civilidade), mas também de toda a história passada do espírito humano. Um processo que, segundo Voltaire, é lento e que exige uma série de circunstâncias felizes.

É importante observar que, ainda que haja uma ordem pressuposta nos progressos do “espírito humano”, o curso dos acontecimentos não obedece, na historiografia de Voltaire, a nenhum plano preestabelecido, nem mesmo a um fim em direção ao qual a história caminharia. Essa característica “aberta” ou “indeterminada” da história torna tanto os “aperfeiçoamentos” quanto os “retrocessos” na marcha do “espírito humano” processos empiricamente condicionados. O otimismo de Voltaire é, portanto, ponderado⁷ e se combina por vezes a uma visão francamente pessimista sobre as possibilidades de um progresso indefinido e geral do espírito humano. Além da constatação de que a maioria dos povos é bárbara e se civiliza com grande dificuldade, a barbárie que ronda os povos civilizados é ainda mais perigosa. Um desses perigos é o povo, ou melhor, o “populacho”, contingente da população caracterizado como ignorante e supersticioso e que “não tem tempo nem capacidade de se instruir.” Sua participação na história se restringe a atos de fanatismo, expressão do poder da Igreja de formar a opinião em nome dos seus próprios interesses. Voltaire espera apenas que, no futuro, o povo possa assimilar alguns valores da boa moral através da imitação, ou seja, possa abrandar um pouco seus costumes pelo exemplo da tolerância.⁸ Este juízo negativo sobre as capacidades do povo permite entender por que as expressões “espírito da nação” e “espírito do tempo” representam, segundo Voltaire, apenas o “pe-

7 O que se demonstra pela própria crítica do autor às idéias de Leibniz e de Pope, compreendidas por ele como justificação perversa dos males do mundo. Mesmo nos séculos que melhor exprimem a perfeição do espírito humano, afirma Voltaire, é possível observar infelicidades e crimes. Cf. *Le siècle de Louis XIV*. In: *Oeuvres historiques*, p. 617.

8 “Peut-il exister un peuple libre de tous préjugés superstitieux? C’est demander: Peut-il exister un peuple de philosophes? On dit qu’il n’y a nulle superstition dans la magistrature de la Chine. Il est vraisemblable qu’il n’en restera aucune dans la magistrature de quelques villes d’Europe. Alors ces magistrats empêcheront que la superstition du peuple ne soit dangereuse. L’exemple de ces magistrats n’éclairera pas la canaille, mais les principaux bourgeois la contiendront. Il n’y a peut-être pas un seul tumulte, un seul attentat religieux où les bourgeois n’aient autrefois trempé, parce que ces bourgeois alors étaient canaille; mais la raison et le temps les auront changés. Leurs mœurs adoucies adouciront celles de la plus vile et de la plus féroce populace; c’est de quoi nous avons des exemples frappants dans plus d’un pays. En un mot, moins de superstition, moins de fanatisme; et moins de fanatisme, moins de malheurs.” Verbete “Superstition”. In: *Dictionnaire philosophique*. Paris: Gallimard, 1994. p. 398. Cf. também *Le siècle de Louis XIV*. In: *Oeuvres Historiques*, p. 1063.

queno número”, uma elite que “faz o povo trabalhar, é alimentado por ele e o governa”.⁹ Através daquelas expressões, Voltaire sintetiza e julga as contribuições (positivas ou negativas) de cada época à história do “espírito humano”.

Outra característica que faz aumentar o caráter instável do curso histórico é o poder do acaso. Em vários episódios, há fatos totalmente inesperados, às vezes pequenos detalhes, que são considerados definidores do destino das nações. Outras vezes, as consequências contrariam os desígnios dos governantes e, mesmo, seu próprio caráter, ou seja, a história, para desgosto de Voltaire, premia os maus governantes e castiga os bons por um conjunto de circunstâncias que superam as capacidades humanas e políticas de controle. Isso significa que os governos em geral têm apenas um poder relativo de determinação do destino das nações, muitas vezes sem que os próprios personagens tenham consciência disso.¹⁰ A perspectiva preferida por Voltaire é, aliás, a da *descrição* e *explicação* do curso dos acontecimentos na circunstância histórica, ou seja, baseada em fatos narrados em detalhe e em seqüência cronológica, muitas vezes atingindo tom dramático, pois mantida no plano da consciência (limitada) dos personagens. Não obstante, algumas circunstâncias são recorrentes, na medida em que, em sua função explicativa, revelam certas regularidades ao ponto de se poder considerá-las *causas gerais*.

Este artigo pretende circunscrever o papel da política ou, mais especificamente, da conduta do soberano e das camadas sociais que detêm algum poder político, na determinação do destino das nações. Ou seja, sua contribuição para o “progresso” e sua responsabilidade pela “estagnação” ou “degeneração” do “espírito humano”, considerado à luz das aquisições civilizatórias. Esta contribuição, como foi visto, não é exclusiva, nem mesmo determinante e, nesse sentido, é importante indicar os outros fatores que

9 “Quand nous parlons de la sagesse qui a présidé quatre mille ans à la constitution de la Chine, nous ne prétendons pas parler de la populace; elle est en tout pays uniquement occupée du travail des mains: l’esprit d’une nation réside toujours dans le petit nombre, qui fait travailler le grand, est nourri par lui, et le gouverne. Certainement cet esprit de la nation chinoise est le plus ancien monument de la raison qui soit sur la terre.” *Essai*, II, p. 399.

10 Essa idéia permite, desde já, perguntar sobre os reais poderes de um governante na transformação do espírito de sua nação. Ver-se-á que, novamente, a resposta está nas condições mais ou menos favoráveis ou adversas que ele deve enfrentar, o que, por sua vez, remete ao “espírito do tempo” em que ele se encontra.

também exercem força sobre o progresso ou a degeneração do espírito das nações. Resumidamente, pode-se destacar:

1) a presença de um “grande homem” como soberano, o que significa um homem moralmente sábio, mas principalmente um bom governante. Ou seja, que aprove leis justas, uniformes e sem contradição, além de realizar a unificação administrativa e jurídica do Estado. Que mantenha as forças do Estado (exércitos) em ordem. Além disso, que seja capaz de dar o exemplo da tolerância e dos bons costumes para apaziguar e abrandar os costumes da nação, sem os quais não há florescimento duradouro. E, finalmente, atender mais diretamente às necessidades de desenvolvimento das artes, das belas-artes e das ciências, ou seja, realizar políticas econômicas e culturais específicas;

2) a presença de aquisições civilizatórias (costumes, leis, artes, ciências, belas-artes) já desenvolvidas por alguma nação ou tempo passado, na medida em que elas instruem e servem de modelo para as nações na busca de aperfeiçoamento. As obras dos grandes homens (morais, técnicas, artísticas etc.) possibilitam a continuidade da marcha do espírito humano num tempo posterior;

3) o estágio de florescimento da própria nação ou do próprio tempo (“espírito da nação” ou do “tempo”), ou seja, o grau de desenvolvimento das conquistas civilizatórias na própria nação, na medida em que elas impõem ordenações e limites a esses progressos. Além disso, a presença dessas aquisições em outras nações, acessíveis àquela, cujas produções permitem acelerar ainda mais o progresso da nação;

4) finalmente, a situação das forças de oposição aos progressos da razão numa determinada época ou nação, pois estas forças podem atrasar, fazer retroceder ou mesmo eliminar os progressos do espírito. Trata-se aqui, fundamentalmente, do poder da religião de obnubilar as consciências e de governar pela opinião. Um tema que, para além da diversidade histórica e cultural, é considerado à luz de suas consequências sociais e alcança um grande poder explicativo do destino das nações.

Renné Pomeau havia dito que a filosofia de Voltaire “explica o movimento da história pelos grandes homens e pelos pequenos acasos”, o acaso sendo a única instância a limitar o poder dos grandes soberanos, cujo sucesso exige circunstâncias felizes. Ao mesmo tempo, afirma Pomeau, Voltaire cede à ilusão do começo absoluto de um governo esclarecido, sem

se dar conta das modificações paulatinas que, realizadas por governos anteriores, precedem e possibilitam as ações dos grandes soberanos. A leitura de Pomeau enfatiza, na narrativa, a ruptura na história política das nações.¹¹

É necessário, no entanto, considerar que, além do acaso, há outros fatores (mencionados anteriormente) que determinam e limitam o alcance das ações dos governantes, não tendo os governos um poder absoluto de transformação do espírito da nação. Em outras palavras, o soberano também é determinado pela história da nação ou pelo “espírito do tempo”. Além disso, não se deveria levar a sério demais as ênfases de Voltaire no poder de transformação de um único soberano esclarecido; o próprio Voltaire não ignora as lentas e paulatinas melhorias realizadas por uma sucessão de governantes e que possibilitam os progressos abruptos que ele projeta sobre a história. Isto significa relativizar ainda mais o poder dos governos, não pela ação do acaso, como faz Pomeau, mas pela ação da história do espírito humano, que, como o próprio Voltaire admite, exige tempo e se comunica, às vezes, independentemente de um “grande soberano”. Esta leitura procura valorizar a continuidade na história política das nações, ou seja, o débito dos grandes soberanos para com os governos anteriores, bem como a idéia, correlata, de uma “marcha lenta e gradativa” na civilização das nações, um fator que é considerado por Voltaire como relativamente independente da vida política.

Sem dúvida, Voltaire dá margem às duas interpretações e enfatiza, mesmo, os movimentos *abruptos* da história, a cargo do governo de um único soberano esclarecido. Mas não devemos colocar um ponto final muito rápido às declarações do filósofo, muitas delas, segundo o próprio Pomeau, abandonadas pelo historiador. Analisemos, então, a relação entre a *civilização das nações* e a *história política*, que aliás ocupa a maior parte da narrativa, organiza os capítulos e dá nome às “épocas”. Resta, finalmente, lembrar que, por “história política”, estamos considerando tanto um conjunto de *atos de governo* quanto de *instituições políticas*, na medida em que estas também representam o “espírito do governo” num determinado tempo da história. Faremos a diferenciação apenas quando as instituições forem consideradas por Voltaire de modo independente, sem referência ao governante, e, não obstante, como etapa necessária ao progresso das nações.

11 Cf. Préface. In: *Oeuvres historiques*, p. 21.

No século XVII, Pedro, o Grande, da Rússia, observando os “progressos da razão” nos seus Estados, faz um comentário que Voltaire registra de modo recorrente, como quem ratifica: “as artes deram a volta ao mundo”, diz o soberano. No conjunto da obra historiográfica de Voltaire, pode-se observar esta “volta” como um “percurso”, cujo início data do século IIIac (2300ac), na Índia e na China Antiga. Nações que floresceram, não por acaso, em regiões com facilidades climáticas e campais, já nesta época, diz Voltaire, eram as mais civilizadas, enquanto a Europa e o resto do mundo estavam mergulhados na barbárie. Sob o Imperador Hiao, o governo chinês já conhecia o cálculo dos eclipses solares, o que “prova” que a nação já era extremamente “policiada”, um processo que exigiu um tempo prodigioso.¹² Ora, a China, bem antes do Imperador Hiao, já possuía um conjunto de observações astronômicas, constata o autor; ou seja, foi necessário um conjunto de aperfeiçoamentos e de modelos anteriores que serviram de “ensaio” para o espírito científico. Além disso, a presença de cidades imensas, a densidade populacional, as construções, as técnicas e invenções diversas, o desenvolvimento da agricultura e das manufaturas¹³ seriam outras tantas expressões do alto grau de florescimento dessas nações. Um florescimento que, segundo Voltaire, teria sido possível apenas depois que as instituições políticas foram aperfeiçoadas, seja a unificação dos (quinze) reinos sob um único soberano, sejam as políticas de urbanização e de incentivo às artes ou, finalmente, o estabelecimento de leis “uniformes”, inspiradoras da virtude e inibidoras do vício¹⁴. Uma interdependência entre os diversos domínios do espírito humano que também se revela na sua decadência. Quando as artes e as ciências estagnaram ou degeneraram na China e na Índia, seus costumes e suas instituições políticas não apenas acompanharam este movimento, mas foram o seu primeiro motor. No caso da China, os “espíritos degeneraram” por causa do respeito supersticioso pela tradição e pelas “regulamentações das escolas” e, no caso da Índia, porque,

12 Sobre o imperador Hiao, soberano da China 2.400 anos antes da era vulgar, o autor afirma: “S’il fut pour son temps un mathématicien habile, cela seul montre qu’il était né chez une nation déjà très policée. On ne voit point que les anciens chefs des bourgades germaines ou gauloises aient réformé l’astronomie: Clovis n’avait point d’observatoire.” *Essai*, I, p. 206.

13 No caso da China, Voltaire menciona a contagem do tempo, o cultivo da química, a invenção da pólvora, os instrumentos de astronomia, a bússola, a moeda, a seda, o papel, a porcelana, o verniz, o vidro etc.

14 Cf. *Essai*, I, p. 216.

com o enfraquecimento do governo, as invasões e o domínio dos bárbaros “embruteceram, deprimiram e tornaram os espíritos estúpidos”,¹⁵ a cada derrota os homens se tornando menos vigorosos e mais supersticiosos.¹⁶ A partir desse exemplo, pode-se estabelecer que os costumes e as instituições políticas (defesa, leis e incentivos) são os dois fundamentos do processo civilizatório, e seu esclarecimento, uma maneira de conter as forças que impelem à degeneração. Uma relação de anterioridade que se torna, também, uma relação de causalidade. Entre os vários governos da China e da Índia, por sua vez, se estabelece uma relação de continuidade, pois Voltaire está mais atento, nesta história, ao papel das instituições do que à conduta de um único governante esclarecido.

Tal não parece ser o caso quando o objeto é a história dos “quatro grandes séculos”¹⁷ considerados por Voltaire períodos em que o “espírito humano mais se aperfeiçoou”, pois, nestas nações ou épocas, a conduta do soberano torna-se o grande motor do seu *florescimento*. Adotando um famoso esquema de interpretação da História Universal, Voltaire identifica estas épocas pelo próprio nome dos governantes: a de Felipe e de Alexandre, a de César e de Augusto, a dos Médicis na Itália renascentista e, finalmente, a de Luís XIV na França.¹⁸ O primeiro deles, a Grécia clássica, floresce principalmente após as incursões de Alexandre, o Grande, na Índia, cujo contato teria possibilitado o “transporte” e o estabelecimento das artes naquela região. O Império Romano, por sua vez, teria imitado os gregos, após as conquistas. Voltaire, nestes dois casos, enfatiza a importância dos

15 “Les esprits ont dégénéré dans l’Inde. Probablement le gouvernement tartare les a hébétés, comme le gouvernement turc a déprimé les Grecs, et abruti les Égyptiens. Les sciences ont presque péri de même chez les Perses, par les révolutions de l’État. Nous avons vu qu’elles se sont fixées à la Chine, au même point de médiocrité où elles ont été chez nous au Moyen Age, par la même cause qui agissait sur nous, c’est-à-dire par un respect superstitieux pour l’antiquité, et par les règlements même des écoles. Ainsi, dans tous pays, l’esprit humain trouve des obstacles à ses progrès.” Op. cit., I, p. 231. Voltaire menciona também a natureza complexa da língua chinesa e, no caso da Índia, a ação do clima. Cf. *Essai*, I, p. 215 e 236.

16 “Il semble que les hommes soient devenus faibles et lâches dans l’Inde, à mesure qu’ils ont été subjugués. Il y a grande apparence qu’à chaque conquête, les superstitions et les pénitences du peuple vaincu ont redoublé”. *Essai*, I, p. 243.

17 O termo *século* não significa um período de cem anos, mas uma “época de apologia cultural”. Cf. SCHLOBACH, J. Pessimisme des Philosophes? La théorie cyclique de l’histoire au 18^e. siècle. In: *Studies on Voltaire and the 18th. Century*, 1989. p. 1977. v. 264

18 “Mais quiconque pense, et, ce qui est encore plus rare, quiconque a du goût, ne compte que quatre siècles dans l’histoire du monde. Ces quatre âges heureux sont ceux où les arts ont été perfectionnés, et qui, servant d’époque à la grandeur de l’esprit humain, sont l’exemple de la postérité.” Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*, p. 616. Cf. nota 35.

“grandes homens” ou dos “grandes soberanos”, na medida em que estes estabelecem canais de comunicação com os povos mais civilizados. Nestes dois momentos da história, o que exprime o “alto grau de aperfeiçoamento” é a organização do governo, o código de leis, a força e a disciplina dos exércitos, a presença de uma religião não dogmática, limitada à moralização dos costumes,¹⁹ a tolerância religiosa e, principalmente, a perfeição das belas-artes.²⁰ Além desses aspectos gerais, não há, na historiografia, maiores menções a essas duas “épocas” ou às causas que permitiram tamanha perfeição, além do clima²¹, no caso específico das belas-artes, e da presença de “grandes talentos”, fatores independentes da conduta do soberano. No entanto, na narração das causas que incidiram sobre a *decadência* do Império Romano do Ocidente e, posteriormente, do Oriente, Voltaire aproxima a história política e a civilização das nações. A “queda” dos Impérios Romanos do Ocidente e do Oriente é devida às invasões dos bárbaros, povos que, vivendo do “roubo” e não da “indústria humana”, negligenciaram o cultivo das artes (úteis e agradáveis) e “embruteceram” os espíritos.²² Mas, segundo Voltaire, os bárbaros só puderam invadir e conquistar os dois Impérios porque estes já estavam enfraquecidos: as forças de defesa territorial haviam sido negligenciadas em nome das querelas religiosas, cujos conflitos atingiram o Estado e obscureceram os espíritos.²³ Isso indica que, de modo geral, a degeneração do espírito das nações é fruto de um fator bastante específico, qual seja, a interferência das opiniões religiosas nas questões de governo e, em consequência, o enfraquecimento das “forças do

19 Cf. *Essai*, II, p. 210.

20 No que diz respeito às belas-artes, Voltaire tende a equiparar os quatro grandes séculos, ressaltando a superioridade da arte renascentista em alguns gêneros, tais como a arquitetura e a pintura; na escultura, gênero “mais fácil e mais limitado”, os gregos foram os melhores. Cf. *Essai*, II, p. 170 e 192.

21 O clima tem um papel reduzido no florescimento da nação, mas Voltaire recorre à esta explicação principalmente quando se refere às artes e ao espírito do povo da região da Toscana. Cf. *Essai*, II, p. 821.

22 “Depuis les inondations des barbares en Europe, on sait que les beaux-arts furent ensevelis sous les ruines de l’empire d’Occident. Charlemagne voulut en vain les rétablir. L’esprit goth et vandale étouffèrent ce qu’il fit à peine revivre. Les arts nécessaires furent toujours grossiers, et les arts agréables ignorés.” *Essai*, II, p. 818.

23 “La faiblesse des empereurs, les factions de leurs ministres et de leurs eunuques, la haine que l’ancienne religion de l’empire portait à la nouvelle, les querelles sanglantes élevées dans le christianisme, les disputes théologiques substituées au maniement des armes, et la mollesse à la valeur; des multitudes de moines remplaçant les agriculteurs et les soldats, tout appelait ces mêmes barbares qui n’avaient pu vaincre la république guerrière, et qui accablèrent Rome languissante, sous des empereurs cruels, efféminés, et dévots.” *Essai*, I, p. 184.

Estado” pela desatenção dos espíritos.²⁴ É por esta razão que, em Constantinopla, o cultivo das ciências e das artes foi mantido enquanto não houve a invasão das Cruzadas e dos turcos.²⁵ No entanto, esse cultivo, ao contrário do que se poderia pensar, não se deve à presença de um governo esclarecido ou de boas instituições políticas, pois Voltaire é enfático quanto à barbárie de uma série de governos do período, cobertos por crimes de toda a espécie. A razão seria que Constantinopla era “habitada por ricos e por aqueles homens obscuros que cultivam em paz suas profissões sem serem invejados”.²⁶ Ora, as “camadas médias”, os habitantes das cidades, podem portanto sustentar um certo grau de florescimento, independentemente do que se passa no governo, quando não são perturbados por conflitos religiosos ou quando seu espírito não foi amolecido pelo espírito bárbaro. No capítulo sobre as artes, Voltaire reafirma esta idéia quando diz que algumas invenções, feitas por nações européias, não resultaram de nenhuma atenção governamental, mas foram produto do “instinto feliz de homens grosseiros que tiveram um momento de gênio”.²⁷ Esta possibilidade, inscrita na natureza humana desde sempre, não se desenvolve contudo ao acaso: na Idade Média, os governantes mais esclarecidos, Carlos Magno, Rollon e Alfred, não conseguiram fazer florescer as artes e as ciências, pois faltava-lhes exatamente aquilo que permanece em Constantinopla: a vida urbana, as

24 A mudança da sede do Império para Constantinopla, em 330 d.c., teria sido o primeiro impulso da queda do Império Romano. Quanto ao papel de Constantino na decadência do Império, Voltaire considera seu governo produto e representante da mentalidade que faz da religião a fonte do poder político. Eleito pelo “dinheiro e pelas armas” dos cristãos da Inglaterra, odiado pelo Senado e pelo povo romano, Constantino é o instrumento da decadência. A mudança da sede do Império, as doações à Igreja e a ambigüidade entre os poderes são fatos que inauguram um novo espírito de governo, cuja manutenção será garantida pelos sucessores de Constantino e que se caracteriza pela negligência da defesa territorial e pela subserviência à Igreja e, posteriormente, aos bárbaros.

25 Sobre o espírito do governo à época das invasões dos Turcos, Voltaire afirma: “Il (Maomé II) était âgé de vingt-deux ans quand il monta sur le trône des sultans, et il se prépara dès lors à se placer sur celui de Constantinople, tandis que cette ville était toute divisée pour savoir s’il fallait prier en grec ou en latin.” *Essai*, II, p. 818. No conto “O homem dos quarenta escudos”, Voltaire examina e conclui, pela voz dos convidados do senhor André, que o Império Romano do Ocidente e do Oriente não fora destruído pelo luxo, mas “pela controvérsia e pelos monges”. Cf. *Contos*. Trad.: Mário Quintana., São Paulo: Abril Cultural, 1972. p. 413. (Os Imortais da Literatura Universal).

26 “Constantinople conserva les arts jusqu’au temps où elle fut désolée par les Croisades. Elle fournissait même quelquefois des mathématiciens aux Arabes.” *Essai*, II, p. 819. Cf. também *Essai*, I, p. 408.

27 Cf. *Essai*, II, p. 820. Voltaire se refere a uma habilidade técnica que ele denomina “instinto de mecânica”. Cf. *Essai*, I, p. 26.

necessidades dos ricos e a aplicação dos talentos no atendimento dessas necessidades.

Aliás, não é por outro motivo que a Itália, na época do Renascimento, floresce. Um progresso que, segundo Voltaire, é inigualável, principalmente entre os séculos XIV e XVI. Além da presença das cidades e do comércio, os talentos, antes residindo em Constantinopla, conseguiram abrigo sob os Médicis após a invasão dos Turcos.²⁸ O gênio²⁹ resulta de um trabalho de imitação e criação ao longo dos séculos e que se comunica tanto pelo *contato* entre os povos, quanto pelos “monumentos” da cultura antiga, ambos presentes em Florença, Veneza e Roma.³⁰ Além desses fatores, Voltaire menciona o aparecimento de institutos de artes por volta do século XIII e, ainda, o “refinamento” da língua italiana a partir do XIV,³¹ com Dante Alighieri, desenvolvimento que antecede necessariamente o aperfeiçoamento das letras. Todos esses aperfeiçoamentos não dependem diretamente da vontade de um soberano e, se considerarmos as guerras civis do período, independem mesmo de qualquer estabilidade política.³² A Itália, no século

28 Cf. *Essai*, II, p. 72.

29 O “gênio” tem duas acepções em Voltaire. Representa, por um lado, uma espécie de capacidade individual superior, apanágio dos “grandes homens” que atingem, em suas obras, uma perfeição e originalidade acima da média e dos modelos anteriores. Por outro lado, o “gênio da nação”, utilizado por Voltaire como sinônimo de espírito da nação, é uma característica coletiva, relativa à capacidade média das camadas superiores da nação em suas opiniões e costumes. A nota 46 ilustra este último sentido.

30 “Dans cette mort générale des arts on avait toujours plus de signes de vie en Italie qu’ailleurs. On y avait au moins les manuscrits des Anciens, la langue latine ressemblait à ces lampes conservées, disait-on, dans les tombeaux: elle donnait un peu de clarté. Rome fut toujours plus instruite en tout que les ultramontains. (...) Une des causes qui contribuèrent le plus à éveiller le génie italien de la léthargie universelle, c’est que ces bons modèles de l’antiquité ne se trouvaient guère qu’en Italie...” *Essai*, II, p. 821 e 830.

31 “Mais au XIVe. Siècle, quand la langue italienne commença à se polir, et le génie des hommes à se développer dans leur langue maternelle, ce furent les Florentins qui défrichèrent les premiers ce champ couvert de ronces (...) L’Italie en ce temps-là, mais surtout la Toscane faisaient renaître les beaux jours de la Grèce. (...) Ainsi depuis le Dante jusqu’au Guarini, c’est-à-dire dans l’espace de trois cents ans, il y eut une succession continue de grands hommes en poésie, tous renfermés dans la seule Italie.” *Essai*, II, p. 821, 827 e 829. Os Árabes, do mesmo modo, teriam produzido belas obras literárias em consequência do aperfeiçoamento anterior da sua língua, ou seja, o “gênio da nação” já havia amadurecido quando Aaron-al-Raschid favoreceu as artes e as ciências. Cf. *Essai*, I, p. 268.

32 “...c’est la gloire des arts, qui ne passera jamais. Cette gloire a été, pendant tout le XVI siècle, le partage de la seule Italie. Rien ne rappelle davantage l’idée de l’ancienne Grèce: car si les arts fleurirent en Grèce au milieu des guerres étrangères et civiles, ils eurent en Italie le même sort; et presque tout y fut porté à sa perfection tandis que les armées de Charles-Quint saccagèrent Rome, que Barberousse [almirante de Soliman, sultão do Império Turco] ravagea les côtes, et que les dissensions des princes et des républiques troublèrent l’intérieur du pays”. *Essai*, II, p. 168. Outro exemplo desta concomitância: “Il peut paraître étonnant que tant de grands génies se soient élevés dans l’Italie, sans protection comme sans

XV, é para Voltaire incomparável em assassinatos, envenenamentos, traições e monstruosidades, produtos do ateísmo que ele identifica no clero da época.³³ No entanto, o autor explica a superioridade da Itália, no século XVI, exatamente porque o país não fora contagiado por disputas religiosas e a tranqüilidade aí reinava após os saques de Carlos V.³⁴ Se a tranqüilidade política não é essencial ao florescimento das artes, as disputas religiosas e a intolerância podem inibir ou destruir o seu cultivo.³⁵ Este, portanto, seria um poder indireto do soberano sobre o florescimento da nação, pois, à medida que contém as disputas, possibilita a aplicação dos espíritos sobre objetos e objetivos mais *úteis* à nação.

As “políticas culturais” são, por sua vez, tarefas fundamentais para a manutenção do gênio artístico, a cargo de um soberano esclarecido, que não apenas reconhece os talentos, mas procura promover o sentimento de emulação e favorecer os melhores através do financiamento e do reconhecimento público de suas obras. A arquitetura, a escultura e a pintura são gêneros³⁶ que exigem a atenção do governo e o caso da Catedral de São Pedro, por exemplo, foi o resultado da atenção contínua dos papas Julio II,

modèle, au milieu des dissensions et des guerres: mais Lucrèce, chez les Romains, avait fait son beau Poème de la Nature, Virgile ses Bucoliques, Cicéron ses livres de philosophie dans les horreurs des guerres civiles. Quand une fois une langue commence à prendre sa forme, c'est un instrument que les grands artistes trouvent tout préparé, et dont ils se servent, sans s'embarrasser qui gouverne et qui trouble la terre.” *Essai*, I, p. 766-767.

33 Ateísmo que o autor compara ao da Roma de Cesar. Cf. *Essai*, II, p.717-722.

34 “Les disputes de religion qui agitèrent les esprits en Allemagne, dans le Nord, en France, et en Angleterre, retardèrent les progrès de la raison au lieu de les hâter: des aveugles qui combattaient avec fureur ne pouvaient trouver le chemin de la vérité: ces querelles ne furent qu'une maladie de plus dans l'esprit humain. Les beaux-arts continuèrent à fleurir en Italie, parce que la contagion des controverses ne pénétra guère dans ce pays; et il arriva que lorsqu'on s'égorgeait en Allemagne, en France, en Angleterre, pour des choses qu'on n'entendait point, l'Italie, tranquille depuis le saccage étonnant de Rome par l'armée de Charles-Quint, cultiva les arts plus que jamais. (...) Enfin la gloire du génie appartint alors à la seule Italie, ainsi qu'elle avait été le partage de la Grèce.” *Essai*, II, p. 173.

35 Voltaire afirma que os quatro grandes séculos não estiveram isentos de “governantes ambiciosos, povos sediciosos e padres perturbados”. Cf. Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*, p. 617-618.

36 Ao contrário daqueles gêneros, a literatura segue seu próprio percurso e, mesmo que favorecida, degenera necessariamente por uma limitação temática. Na polêmica entre os “antigos” e os “modernos”, Voltaire afirma que não se pode cobrar dos tempos modernos a perfeição em gêneros que não pertencem a esse tempo. A tragédia, a moral e a comédia, por exemplo, são gêneros que não podem ser infinitamente renovados e sobre os quais é possível prever a degeneração. Já a física, a história e as artes manuais são gêneros que têm capacidade infinita de renovação, com a diferença de que a física e a história dependem exclusivamente do trabalho individual, enquanto as artes manuais – a pintura e a escultura – dependem, para não degenerar, das ações do soberano. Cf. Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*, p. 1017.

Leão X, Clemente VII e dos seus sucessores.³⁷ Contudo, o soberano nada pode diante de alguns gêneros artísticos tematicamente limitados, como é o caso da “tragédia, da comédia e da moral”, pois estes seguem regras autônomas de aperfeiçoamento e degeneram após um certo período. Também ele nada pode diante da “história e da física” que, apesar de serem gêneros ilimitados, dependem exclusivamente do trabalho individual. É por isso que o florescimento das ciências na Itália, por volta de 1600, com Galileu, é devido, segundo Voltaire, ao *gênio individual*.³⁸ A filosofia escolástica teria sido, neste caso, a grande responsável pelo atraso nos progressos da razão, pois desviou os espíritos do caminho da experiência, introduzindo a superstição no próprio núcleo do conhecimento.

A precedência do florescimento das artes úteis em relação às belas-artes, uma “regra geral” do processo civilizatório, também retira algo do poder dos soberanos, pois sua vontade seria impotente numa nação que, sem possuir o “necessário”, desejasse obter o “agradável”.³⁹ Mas, esta *regra geral* se torna, na verdade, também um *conselho* aos governantes. Em Florença, o gasto com obras de arte não empobrecia o povo porque a região era comerciante e industrial e, conseqüentemente, o governo era rico, podendo investir no “supérfluo” sem precisar aumentar impostos. Já o povo de Roma, no século XVI, tornara-se “miserável” (uma cidade com baixo contingente populacional, uma variável indicativa, para o autor, da sua pobreza) porque o dinheiro gasto com “obras monumentais” retornava a outras nações pela desvantagem comercial, em vez de aí circular. A presença de terras despovoadas e sem cultura obrigava o governo a importar o trigo do exterior e a vendê-lo na capital a um alto custo.⁴⁰ Contudo, Voltaire não condena o “luxo” dos soberanos quando enxerga neste tipo de gasto benefícios morais e econômicos.⁴¹ O luxo e a ostentação do clero, por exem-

37 “Il fallait une suite de pontifes qui eussent tous la même noblesse d’ambition, des ministres animés d’un même esprit, des artistes dignes de les seconder et tout cela se trouva dans l’Italie...” *Essai*, II, p. 832.

38 Não obstante o crescimento da filosofia, Voltaire registra a degeneração do teatro e das belas letras da Itália por volta de 1600. Cf. *Essai*, II, p. 837 e 850.

39 “Si les belles-lettres étaient ainsi cultivées sur les bords du Tigre et de l’Euphrate, c’est une preuve que les autres arts qui contribuent aux agréments de la vie étaient très connus. On n’a le superflu qu’après le nécessaire; mais ce nécessaire manquait encore dans presque toute l’Europe.” *Essai*, II, p. 769.

40 Sobre a situação de Roma, cf. *Essai*, II, p. 720. Para Voltaire, o luxo deve ser incentivado, mas sem excesso, ou seja, sem haver negligência das artes úteis. Cf. nota 45.

41 Cf. *Essai*, II, capítulo 121, 185 e “Le Chapitre des Arts”.

plo, ao promoverem o apego ao conforto e às coisas materiais, distraem o espírito e operam como antídoto contra o espírito austero e zeloso da religião. Além disso, o gasto com luxo estimula a indústria e aumenta a riqueza nacional, pois faz circular o dinheiro e limita o seu “entesouramento”, tão maléfico para o progresso das artes.⁴²

A atuação dos Médicis, neste período, resume, para Voltaire, tudo aquilo que os *desígnios* dos governantes podem produzir, nos limites do espírito da época e da nação. Se reconhecemos, no entanto, que várias dessas transformações são explicadas pelo *gênio individual* (ciências) ou pela “*história dos gêneros*” (belas-artes), permanece relativamente inexplicável a concomitância de todos estes processos numa mesma época e nação. Se considerarmos, não obstante, que o gênio (filosófico, artístico) necessita de uma relativa *liberdade* e *segurança*, é possível compreender esta sincronia entre vários florescimentos: a riqueza, a beleza e a força.⁴³

E por que as outras nações desse mesmo período não atingiram a perfeição da arte renascentista? Francisco I (1515), por exemplo, tendo chamado à França vários mestres italianos, não conseguiu fazer com que aí florescessem artistas nacionais à altura dos estrangeiros. A França, afirma Voltaire, não estava suficientemente madura, apesar de o soberano ser esclarecido, porque a língua era, então, herdeira daquela da Idade Média: um mau latim que carecia de pureza e de regularidade.⁴⁴

42 “Le grand nombre de pères de famille qui travaillent sans cesse pour assurer à leurs femmes et à leurs enfants une médiocre fortune, le nombre beaucoup supérieur d’artisans, de cultivateurs, qui gagnent leur pain à la sueur de leur front, voyaient avec douleur des moines entourés du faste et du luxe des souverains: on rendait que ces richesses, répandues par ce faste même, rentraient dans la circulation. Leur vie molle, loin de troubler l’intérieur de l’Église, en affermissait la paix; et leurs abus, eussent-ils été plus excessifs, étaient moins dangereux sans doute que les horreurs des guerres et le saccagement des villes.” *Essai*, II, p. 213.

43 Há passagens em que, ao contrário da autonomia das artes em relação à vida política, Voltaire sugere uma relação necessária entre a arte e a guerra. Sua intenção, neste caso, parece ser a de combater uma visão da época: a de que os momentos de grande profusão artística seriam acompanhados pelo “amolecimento” do espírito. “Lorsque les Italiens réussirent le plus dans ces arts, c’était sous les Médicis, pendant que Venise était la plus guerrière et la plus opulente des républiques. C’était le temps où l’Italie produisit de grands hommes de guerre, et des artistes illustres em tout genre; et c’est de même dans les années florissantes de Louis XIV.” *Le siècle de Louis XIV*. In: *Oeuvres Historiques*, p. 970. Cf. também VOLTAIRE, verbete Histoire. In: DIDEROT; D’ALEMBERT. *Encyclopédie*. p. 223. Cf. também nota 32.

44 “Le temps de la France n’était pas encore venu.” *Essai*, II, p. 829. Voltaire também afirma que Francisco I foi negligente no que diz respeito à administração interna da França, já que estava ocupado com as guerras contra o imperador Carlos V e só tardiamente ocupou-se da França. Cf. *Essai*, II, p. 203.

Se, neste caso, Voltaire reafirma os limites do poder do governante, por outro lado, ele explica a barbárie francesa durante a Idade Média e Moderna exatamente pela falta de bons governos. Desde “Carlos Magno até Luís XIV”, a França havia se tornado uma nação fraca e bárbara⁴⁵ porque o “gênio da nação” ficou retraído por novecentos anos de “governos góticos”,⁴⁶ ou seja, sem leis, costumes ou língua estabelecidos. Pelo pouco mesmo que os franceses fizeram no século XVI, sob Francisco I, afirma Voltaire, dá para perceber do que eles são capazes quando são “conduzidos”.⁴⁷ As condições políticas necessárias a essa tarefa foram estabelecidas por Luís XIV, no último dos quatro “grandes séculos”: a construção de hospitais, asilos, colégios, estradas, portos, navios, o incentivo ao comércio e à manufatura, a diminuição dos impostos, a urbanização de Paris, a reforma das leis (direitos civil e criminal, comercial e industrial), da administração pública e do exército são algumas das medidas que Voltaire enfatiza para acentuar a importância da vontade do soberano esclarecido. No domínio das ciências e das belas-artes, a criação das academias de ciências e de letras, o convite a vários filósofos estrangeiros à França. Medidas que mudaram as opiniões e os costumes da população e um exemplo da concomitância entre um governo ilustrado e uma nação civilizada, dado que o soberano sabia reconhecer os verdadeiros talentos e, por sua vez, havia uma “sociedade” cultivada por esse mesmo espírito.

45 “Avant le siècle que j’appelle de Louis XIV, et qui commence à peu près à l’établissement de l’Académie française (...) [les Français] n’avaient presque aucun des arts aimables, ce qui prouve que les arts utiles étaient négligés; car, lorsqu’on a perfectionné ce qui est nécessaire, on trouve bientôt le beau et l’agréable (...) une nation qui, ayant des ports sur l’Océan et sur la Méditerranée, n’avait pourtant point de flotte, et qui, aimant le luxe à l’excès, avait à peine quelques manufactures grossières. [Outres nations] firent tour à tour le commerce de la France, qui en ignorait les principes. (...) Paris ne contenait pas quatre cent mille hommes, et n’était pas décoré de quatre beaux édifices (...) Toute la noblesse (...) opprimait ceux qui cultivaient la terre. Les grands chemins étaient presque impraticables; les villes étaient sans police, l’État sans argent, et le gouvernement presque toujours sans crédit parmi les nation étrangères.” Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres Historiques*, p. 618.

46 “On ne doit pas dissimuler que, depuis la décadence de la famille de Charlemagne, la France avait languie plus ou moins dans cette faiblesse, parce qu’elle n’avait presque jamais joui d’un bon gouvernement. Il faut, pour qu’un État soit puissant, ou que le peuple ait une liberté fondée sur les lois, ou que l’autorité souveraine soit affermie sans contradiction. (...) Ainsi, pendant neuf cents années, le génie des Français a été presque toujours rétréci sous un gouvernement gothique, au milieu des divisions et des guerres civiles, n’ayant ni lois ni coutumes fixes, changeant de deux siècles en deux siècles un langage toujours grossier; les nobles sans discipline, ne connaissant que la guerre et l’oisiveté; les ecclésiastiques vivant dans le désordre et dans l’ignorance, et les peuples sans industrie, croupissant dans leur misère.” Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres Historiques*, p. 618-619.

47 *Essai*, II, p. 193.

Contudo, paralelamente a esse retrato, há elementos que permitem relativizar o poder de um único rei no destino da nação. Voltaire registra os progressos ocorridos na França, sob Francisco I, sob Henrique IV e sob Luís XIII, o que permite traçar um caminho de continuidade na história do país. Além disso, observa que o cultivo das ciências foi devido ao gênio de alguns homens que, isoladamente, encontraram a “verdade” apesar dos conflitos religiosos e, no domínio das belas-artes, um resultado da depuração do gosto e da língua.

A França, no reinado de Luís XV, continua a contribuir com a “marcha do espírito humano”, ainda que o governo não tenha tido o mesmo brilho do de Luís XIV.⁴⁸ No século de Voltaire, o progresso das artes e das ciências manteve seu ritmo na França, com o florescimento da mecânica, o que permitiu a diminuição do preço das mercadorias (houve progressos na agricultura e, conseqüentemente, diminuição do custo dos bens básicos). As descobertas no campo do saneamento básico e da engenharia foram outros exemplos do aperfeiçoamento do espírito. No campo religioso, houve a separação dos direitos civil e eclesiástico, as querelas entre o Estado e a Igreja foram solucionadas e os jesuítas, banidos da França. O reinado de Luís XV, no entanto, parece figurar mais como referência cronológica do que exatamente como responsável direto por esses progressos.⁴⁹

48 O mérito desse século, diz Voltaire, é ter disseminado por todas as condições sociais o espírito do século anterior (cujas sementes haviam sido lançadas por Luís XIV e não por Luís XV). Voltaire critica o empobrecimento do país, a má administração das finanças, a ignorância sobre os benefícios da vacina contra a varíola e, principalmente, a vigência da bula *Unigenitus*, fatos pouco honrosos para o governo de Luís XV.

49 Cf. Précis du siècle de Louis XV. In: *Oeuvres historiques*, p. 1566-1567. “Mais ce qui est encore plus honorable pour la patrie, c’est que, dans ce recueil immense, le bon l’emporte sur le mauvais: ce qui n’était pas encore arrivé. Les persécutions qu’il a essuyées ne sont pas si honorables pour la France. Ce même malheureux esprit de formes, mêlé d’orgueil, d’envie et d’ignorance, qui fit proscrire l’imprimerie du temps de Louis XI, les spectacles sous le grand Henri IV, les commencements de la saine philosophie sous Louis XIII, enfin l’émétique et l’inoculation; ce même esprit, dis-je, ennemi de tout ce qui instruit et de tout ce qui s’élève, porta des coups presque mortels à cette mémorable entreprise; il est parvenu même à la rendre moins bonne qu’elle n’aurait été, en lui mettant des entraves, dont il ne faut jamais enchaîner la raison; car on ne doit réprimer que la témérité et non la sage hardiesse, sans laquelle l’esprit humain ne peut faire aucun progrès. Il est certain que la connaissance de la nature, l’esprit de doute sur les fables anciennes honorées du nom d’histoires, la saine métaphysique dégagée des impertinences de l’école, sont les fruits de ce siècle, et que la raison s’est perfectionnée.” Précis du siècle de Louis XV. In: *Oeuvres historiques*, p. 1568.

Por sua vez, as belas-artes degeneraram⁵⁰ no século XVIII, mas a causa também não teria sido política e, sim, fruto de sua própria difusão social. No Discurso de Voltaire à Academia Francesa, de 1746, o autor faz um paralelo entre a história da riqueza das nações e a história do gênio para mostrar que o desaparecimento dos gênios superiores equivale ao desaparecimento das grandes fortunas. Se, num primeiro estágio de florescimento, as riquezas estão concentradas nas mãos de poucos e isso gera um grande contraste com o restante da população, do mesmo modo, os gênios superiores só aparecem quando a maioria da população é medíocre. Num momento posterior, a riqueza se distribui, assim como os espíritos se esclarecem, de modo que a escassez de gênios exprime o próprio aperfeiçoamento do espírito. O desaparecimento dos gênios superiores pode ser então o sinal de algo positivo: se os grandes talentos não mais existem, os homens se tornaram, por sua vez, mais esclarecidos.⁵¹

O modo como Voltaire concebe a relação entre o “espírito da nação” e o “gênio” apresenta então duas possibilidades. De um lado, as obras de gênio representam a culminância tardia de um desenvolvimento anterior, após o esclarecimento do governo e o florescimento da nação. Herdeiras de um longo processo de amadurecimento, deixam contudo uma espécie de vazio que faz Voltaire lamentar o desaparecimento das grandes obras no período posterior. De outro lado, as obras de gênio são consideradas em sua *função social*, pois, ao se comunicarem, criam uma “sociedade” de pessoas mais esclarecidas. Nesse caso, a nação ascende até o nível do

50 “C’était un temps digne de l’attention des temps à venir que celui où les héros de Corneille et de Racine, les personnages de Molière, les symphonies de Lulli, toutes nouvelles pour la nation, et (puisqu’il ne s’agit ici que des arts) les voix des Bossuet et des Bourdaloue, se faisaient entendre à Louis XIV, à Madame, si célèbre par son goût, à un Condé, à un Turenne, à un Colbert, et à cette foule d’hommes supérieurs qui parurent en tout genre. Ce temps ne se retrouvera plus où un duc de La Rochefoucauld, l’auteur des Maximes, au sortir de la conversation d’un Pascal et d’un Arnauld allait au théâtre de Corneille.” Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*, p. 1012.

51 “Quand le commerce est en peu de mains, on voit quelques fortunes prodigieuses, et beaucoup de misère; lorsque enfin il est plus étendu, l’opulence est générale, les grandes fortunes rares. C’est précisément, Messieurs, parce qu’il y a beaucoup d’esprit en France qu’on y trouvera dorénavant moins de génies supérieurs.” Discours de M. de Voltaire a sa réception a l’Académie Française. In: *Mélanges*. Organização de Jacques Van den Heuvel. Paris: Gallimard, 1961. p. 247. (Bibliothèque de la Pléiade) “Nous n’avons aujourd’hui ni des Racine, ni des Molière, ni des La Fontaine, ni des Boileau, et je crois même que nous n’en aurons jamais; mais j’aime mieux un siècle éclairé qu’un siècle ignorant qui a produit sept ou huit hommes de génie.” VOLTAIRE. Carta ao conde de la Touraille de 12 de maio de 1766 (Best. 12.420), apud DAGEN, J. *L’histoire de l’esprit humain (dans la pensée française de Fontenelle a Condorcet)*. Strasbourg: Librairie Klincksieck, 1977. p. 352.

gênio, transformando o que antes era “surpreendente” em algo “comum”. O “desgosto”, no primeiro caso, vem ou da capacidade limitada de renovação do gênero⁵² (caso em que a degeneração tem um sentido fraco) ou do “enfraquecimento” da nação (caso em que tem um sentido forte, pois engloba a vida política e social); no segundo caso, ele é relativo ao aperfeiçoamento geral dos espíritos, as novas criações já não representando uma “novidade”. Este último processo tem um significado positivo.⁵³

O “século de Luís XIV” também poderia ser chamado de o “século dos ingleses”, afirma Voltaire, se considerássemos o progresso das ciências realizado por “grandes homens” tais como Newton, sob o governo “esclarecido” de Carlos II. Contudo, é possível, desde já, relativizar o poder do governante de, sozinho, esclarecer a nação, se considerarmos que a história da Inglaterra, durante os séculos XVI e XVII, possui uma série de outros governos sob os quais os espíritos e as artes florescem. Sob Henrique VIII (1509), o rompimento com a Igreja Romana produziu “divisão” e “incômodo” nos espíritos, mas também estimulou o raciocínio e semeou a “religião natural”, que floresceria sob Carlos II, cento e cinquenta anos depois.⁵⁴ Desde Henrique VIII e, principalmente, sob Elisabeth I (1558), a Inglaterra aperfeiçoou a manufatura, o comércio e a agricultura, fruto também do espí-

52 “Chaque artiste saisit en son genre les beautés naturelles que ce genre comporte. Quiconque approfondit la théorie des arts purement de génie doit, s’il a quelque génie lui-même, savoir que ces premières beautés, ces grands traits naturels qui appartiennent à ces arts, et que conviennent à la nation pour laquelle on travaille sont en petit nombre. Les sujets et les embellissements propres aux sujets ont des bornes bien plus resserrées qu’on ne pense.” Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*, p. 1015-1016.

53 “Il ne s’éleva guère de grands génies depuis les beaux jours de ces artistes illustres; et à peu près vers le temps de la mort de Louis XIV, la nature sembla se reposer. La route était difficile au commencement du siècle, parce que personne n’y avait marché; elle l’est aujourd’hui, parce qu’elle a été battue. Les grands hommes du siècle passé ont enseigné à penser et à parler; ils ont dit ce qu’on ne savait pas. Ceux qui leur succèdent ne peuvent guère dire que ce qu’on sait. Enfin, une espèce de dégoût est venue de la multitude des chefs-d’œuvre. Le siècle de Louis XIV a donc en tout la destinée des siècles de Léon X, d’Auguste, d’Alexandre. Les terres qui firent naître dans ces temps illustres tant de fruits du génie avaient été longtemps préparées auparavant. On a cherché en vain dans les causes morales et dans les causes physiques la raison de cette tardive fécondité, suivie d’une longue stérilité. La véritable raison est que, chez les peuples qui cultivent les beaux-arts, il faut beaucoup d’années pour épurer la langue et le goût. Quand les premiers pas sont faits, alors les génies se développent; l’émulation, la faveur publique prodiguée à ces nouveaux efforts, excitent tous les talents. Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*, p. 1015.

54 “Sous le barbare et capricieux Henri VIII, les Anglais ne savaient encore de quelle religion ils devaient être. Le luthéranisme, le puritanisme, l’ancienne religion romaine, partageaient et troublaient les esprits, que la raison n’éclairait pas encore. Ce conflit d’opinions et de cultes bouleversait les têtes, s’il ne subvertissait par l’État. Chacun examinait, chacun raisonnait, et ce furent les premières semences de cette philosophie hardie qui se déploya longtemps après sous Charles II e sous ses successeurs.” *Essai*, II, p. 261.

rito de emulação que já operava entre as nações européias. A “tranquilidade” (força) e a “abundância” (riqueza) reinantes possibilitaram o cultivo das belas-artistas em Londres, tempo de Shakespeare e de Spencer.⁵⁵ Podemos dizer, então, que vários governantes, mas também vários aperfeiçoamentos anteriores e progressivos do “espírito da nação” foram necessários ao advento das ciências na Inglaterra. Fatos políticos que produziram opiniões e costumes, mas também opiniões e costumes que, enraizados, desenvolveram o “espírito da nação” (das artes, das ciências) à revelia dos governos.

Os governos de Jaime I, de Carlos I e de Cromwell, que precedem o governo “esclarecido” de Carlos II, parecem ter o poder de fazer “degenerar” o espírito da nação e o progresso das artes de maneira extremamente veloz. Sob Carlos I, as facções políticas e religiosas floresceram (com as disputas do clero e as animosidades entre o partido real e o parlamento), provocando o retorno à barbárie, pois “um espírito de dureza, violência e de tristeza abafou o germe das ciências e das artes desenvolvido a duras penas.”⁵⁶ Sob Cromwell, um “puritano fanático” que interpretava o mundo à luz das Escrituras, “proliferaram seitas sombrias e severas”, o que fez degenerar as letras e as ciências. Não obstante, o governo de Cromwell é elogiado porque ele “não aprovou privilégios, não criou impostos pesados, não acumulou tesouros e tornou a justiça imparcial”. O comércio, que nunca havia sido tão livre, nunca foi tão florescente e a Inglaterra se tornou mais rica do que em qualquer outro período. Os fanáticos que ocupavam o Parlamento, sancionavam, ao mesmo tempo, leis que garantiam o aperfeiçoamen-

55 “[A Inglaterra] fut sous Élisabeth un peuple puissant, policé, industrieux, laborieux, entreprenant. Les navigations des Espagnols avaient excité leur émulation (...) Dès les premières années du règne d’Élisabeth, ils s’appliquèrent aux manufactures. Les Flamands, persécutés par Philippe II, vinrent peupler Londres, la rendre industrieuse, et l’enrichir. Londres, tranquille sous Élisabeth, cultiva même avec succès les beaux-arts, qui sont la marque et le fruit de l’abondance. Les noms de Spencer et de Shakespeare, qui fleurirent de ce temps, sont parvenus aux autres nations. Londres s’agrandit, se polica, s’embellit (...). Il y avait sous ce règne des compagnies de commerce établies pour le Levant et pour le Nord. On commençait en Angleterre à considérer la culture des terres comme le premier bien, tandis qu’en Espagne on commençait à négliger ce vrai bien pour des trésors de convention. Le commerce de trésors du nouveau monde enrichissait le roi d’Espagne; mais en Angleterre le négoce des denrées était utile aux citoyens. (...) C’était là le plus bel effet qu’eût produit la liberté; de simples particuliers faisaient ce que font aujourd’hui les rois, quand leur administration est heureuse.” *Essai*, II, p. 465-466.

56 “Quelques génies, du temps d’Élisabeth, avaient défriché le champ de la littérature, toujours inculte jusqu’alors en Angleterre. Shakespeare, et après lui Ben Johnson, paraissaient dégrossir le théâtre barbare de la nation, Spencer avait ressuscité la poésie épique. François Bacon (...) ouvrait une carrière toute nouvelle à la philosophie. Les esprits se polissaient, s’éclairaient. Les disputes du clergé, et les animosités entre le parti royal et le parlement, ramenèrent la barbarie.” *Essai*, II, p. 654.

to das artes e do comércio.⁵⁷ Finalmente, sob a sombra da administração de Cromwell, “alguns filósofos já se reuniam em paz para encontrar o caminho da verdade, enquanto o fanatismo oprimia toda verdade no país”. Podemos, em primeiro lugar, resolver este aparente paradoxo se considerarmos que as artes úteis podem florescer sem que haja, concomitantemente, o florescimento das ciências e das letras: a garantia de “liberdade comercial” fez florescer as primeiras; a falta de “liberdade de consciência” atrasou o desenvolvimento das segundas. Além disso, pode-se conceber uma espécie de dissociação entre o “espírito da nação” e o “espírito do governante” se considerarmos que o processo de “civilização da nação” (opiniões e costumes), quando arraigado, tende a se reproduzir de maneira mais autônoma. No caso da Inglaterra, o “espírito de liberdade”, enraizado, seria mais potente do que o fanatismo de Cromwell. Finalmente, é necessário considerar o “espírito de emulação” entre as nações européias, que criara costumes favoráveis ao aperfeiçoamento das artes.

Assim como o “bárbaro Cromwell” não parece ter feito um governo tão bárbaro, nem ter tornado a nação tão degenerada, o “esclarecimento de Carlos II” também não realizou um governo tão útil, nem tornou a nação tão florescente. Num primeiro momento, Carlos II (1660), ao adotar o teísmo como religião oficial, favoreceu as ciências de maneira extremamente rápida, possibilitando, mesmo, o surgimento de um Newton.⁵⁸ A corte inglesa, por sua vez, se tornou novamente alegre com os costumes trazidos por Carlos II, que crescera na corte francesa. No entanto, o governo ulterior de Carlos

57 “Mais ce qui a fait la puissance de l’Angleterre, c’est que tous les partit ont également concouru, depuis le temps d’Elizabeth, à favoriser le commerce. Le même parlement qui fit couper la tête a son roi, fut occupé d’établissements maritimes comme si on eût été dans les temps les plus paisibles. Le sang de Charles I était encore fumant, quand ce parlement, quoique presque tout composé de fanatiques, fit en 1650 le fameux acte de la navigation...” *Essai*, II, 695. Cf. tb. Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques*, p. 670-671.

58 “La Société royale de Londres, déjà formée, mais qui ne s’établit par des lettres-patentes qu’en 1660, commença à adoucir les mœurs en éclairant les esprits. Les belles-lettres renaquirent et se perfectionnèrent de jour en jour. On n’avait guère connu, du temps de Cromwell, d’autre science et d’autre littérature que celle d’appliquer des passages de l’Ancien et du Nouveau Testament aux dissensions publiques et aux révolutions les plus atroces. On s’appliqua alors à connaître la nature, et à suivre la route que le chancelier Bacon avait montrée. (...) Les progrès furent rapides et immenses en vingt ans: c’est là un mérite, une gloire, qui ne passeront jamais. Le fruit du génie et de l’étude reste, et les effets de l’ambition, du fanatisme, et des passions, s’anéantissent avec les temps qui les ont produits. L’esprit de la nation acquit sous le règne de Charles II une réputation immortelle, quoique le gouvernement n’en eût point.” *Essai*, II, p. 688-689. Nas considerações de Voltaire sobre o teísmo de Carlos II, o autor sugere, implicitamente, uma relação entre o espírito do rei e o florescimento das ciências. Cf. *Essai*, II, p. 687-8.

II é considerado obscuro, pois reproduziu os erros de Carlos I tentando fortalecer o poder real numa nação que os havia limitado, provocando o retorno dos conflitos com o Parlamento. Além disso, Carlos II tornou a Inglaterra dependente das manufaturas francesas, contribuindo para sua desvantagem comercial.⁵⁹

O governo de Carlos II se opõe, portanto, ao de Cromwell: o teísmo, agindo sobre o “espírito da nação”, cria uma espécie de ambiente cultural – a liberdade de consciência – extremamente favorável ao progresso da ciência; seu caráter amável apazigua e torna mais sociáveis os costumes da nação. Mas seu governo é bem inferior ao de Cromwell no âmbito das artes úteis e a Inglaterra teve que esperar por novos governantes para continuar seu curso de prosperidade material.⁶⁰ Através da história da Inglaterra, é possível distinguir duas fontes para o progresso das artes e das ciências ou, mais amplamente, duas formas de progresso: um processo social lento e relativamente independente dos governos e, de modo mais direto, o “esclarecimento” do governante, que se exprime tanto pelas políticas culturais e econômicas, quanto pela racionalidade de suas opiniões e condutas.

Nesse sentido, é importante observar que Voltaire, ao sintetizar o “espírito de uma nação” ou de um “tempo”, considera certas características do “governo” como se fossem gerais, mas estes diagnósticos (a barbárie ou a civilidade) exagerados não se sustentam à luz de um exame mais cuidadoso dos vários domínios da (história da) nação que o próprio Voltaire mobiliza ao explicar seu destino. A ênfase desmedida no poder do governante talvez encontre explicação no objetivo de propiciar a emulação entre os soberanos na promoção da felicidade pública. A partir da história da Inglaterra, Voltaire reivindica a fixação dos poderes do Estado e das liberdades da nação, o

59 “Malgré tant de chagements dans les esprits, ni l’amour de la liberté et de la faction ne changea dans le peuple, ni la passion du pouvoir absolu dans le roi et dans le duc d’York son frère. On vit enfin, au milieu des plaisirs, la confusion, la division, la haine des partis et des sectes, désoler encore les trois royaumes. Il n’y eut plus, à la vérité, de grandes guerres civiles comme du temps de Cromwell, mais une suite de complots, de conspirations, de meurtres juridiques ordonnés en vertu des lois interprétées par la haine, et enfin plusieurs assassinats, auxquels la nation n’était point encore accoutumée, funestèrent quelque temps le règne de Charles II.” *Essai*, II, p. 690. Cf. também. *Le siècle de Louis XIV. In: Oeuvres historiques*, p. 998.

60 Apenas sob Guilherme I a Inglaterra começa a se recuperar economicamente: há progressos no comércio, com o incentivo à Cia. das Índias, a agricultura floresce pelos incentivos à exportação de grãos, e as manufaturas, com os grandes talentos emigrados da França, após a revogação do Édito de Nantes. Antes que se conclua por um otimismo sem limites de Voltaire, é bom lembrar que o autor termina a história da Inglaterra com uma grande preocupação: o aumento da dívida pública dos Estados. Cf. *Essai*, II, p. 697.

esclarecimento das opiniões e dos costumes e, finalmente, ações de favorecimento às artes e às ciências. O soberano tem um papel fundamental na luta contra o preconceito, a superstição e o fanatismo, fontes do atraso ou da destruição do espírito filosófico.

A história de Pedro, da Rússia, é exemplar nesse sentido, pois se trata de enfatizar o contraste entre o preconceito das velhas gerações e o esclarecimento das novas gerações da nação. A história do espírito da nação passa, então, a depender exclusivamente do soberano, a quem Voltaire atribui o direito de reprimir os setores conservadores da população, sem o que as opiniões e os costumes não poderiam ser reformados. No que diz respeito ao tempo necessário para o florescimento da nação, pode-se dizer que ele é variável conforme a época. Como, no século XVII, os progressos realizados por outras nações estão à disposição (modelos e conhecimentos), é possível saltar certas etapas e acelerar o ritmo de desenvolvimento da nação. Na Idade Média e mesmo no início da Idade Moderna, seria impossível tantos progressos em tão pouco tempo. Os povos tardiamente civilizados teriam mais condições de, em pouco tempo, realizar as reformas necessárias e alcançar as nações mais desenvolvidas, pois têm acesso a modelos ou “preceptores” que aceleram o seu esclarecimento.⁶¹

Se, compararmos, finalmente, as várias épocas tematizadas por Voltaire, é possível perceber que as “degenerações”, desde o “renascimento da razão” (na época moderna), não têm a dimensão da “queda” das épocas antigas, mesmo nos casos em que a degeneração das belas-artes é acompanhada pelo enfraquecimento do governo.⁶² Isso porque, em primeiro lugar, Voltaire constata que o progresso das artes e das ciências se mantém, mesmo em meio às guerras civis e religiosas. Em seus acessos de pessimismo

61 No século XVIII, as esperanças de Voltaire se voltam para Frederico II (ou Frederico III, conforme Voltaire), rei da Prússia. No “*Précis du siècle de Louis XV*”, Voltaire faz duas menções ao esclarecimento do soberano e às melhorias promovidas por seu governo. É interessante observar que, apesar dos elogios ao rei, Voltaire não trata seu governo como uma espécie de começo absoluto na história da civilização da Prússia. Ao contrário, reconhece o enorme caminho já percorrido por seu antecessor – Frederico Guilherme –, ao incentivar o cultivo de terras, a construção e povoamento das cidades e, finalmente, elevar as finanças públicas de modo a criar e disciplinar exércitos. Cf. *Oeuvres historiques*, p. 1331 e 1396.

62 A comparação da Itália renascentista à do século XVII não representa uma decadência: “L’Italie, dans ce siècle (XVII), a conservé son ancienne gloire, quoiqu’ elle n’ ait eu ni de nouveaux Tasses, ni de nouveaux Raphaëls: c’ est assez de les avoir produits une fois. (...) L’ étude de la vraie physique, établie par Galilée, s’ est toujours soutenue malgré les contradictions d’ une ancienne philosophie trop consacrée. (...) Et quoique les principaux rayons de cette lumière vissent de l’ Angleterre, les écoles italiennes n’ en ont point enfin détourné les yeux.” *Le siècle de Louis XIV*. In: *Oeuvres historiques*, p. 1027.

diante da enorme quantidade de guerras durante os séculos XVII e XVIII, ele chega a afirmar que uma “república de filósofos e de empreendedores” se estabelecera na Europa, independentemente da ambição e da política, do preconceito e das perseguições. Se, de um lado, esta constatação diminui sua confiança na transformação ampla dos costumes e da vida política pelo progresso das artes e das ciências, de outro lado, seu otimismo se realça pela constatação de que os talentos se desenvolvem à revelia da ambição dos governantes.⁶³ Uma condição política, de ordem internacional, reforça essa confiança: um novo sistema de equilíbrio entre as nações da Europa faz com que um poder preponderante seja contrabalançado, diminuindo as chances de escravização de uma nação por outra. Essa autonomia, de todo modo, é algo que advém do sentido cumulativo do progresso: quanto mais se caminha para a época moderna, menos agem as causas que outrora provocaram o retorno à barbárie, ainda que os soberanos sejam, na maior parte das vezes, ambiciosos. Esse distanciamento, como vimos, é fruto do próprio progresso da civilização, em que as crises sociais e políticas não ultrapassam o limite além do qual a razão seria expulsa das nações européias, como aconteceu com o Império Romano. O florescimento das artes úteis e o progresso da razão estão cada vez mais garantidos. Um motivo para otimismo; nunca para a fé no progresso indefinido das nações.

C/ autor: referências

63 “On a vu une république littéraire établie insensiblement dans l’Europe, malgré les guerres et malgré les religions différentes. Toutes les sciences, tous les arts ont reçu ainsi des secours mutuels. Les académies ont formé cette république. L’Italie et la Russie ont été unies par les lettres. L’Anglais, l’Allemand, le Français, allaient étudier à Leiden. (...) Les véritables savants dans chaque genre ont resserré les liens de cette grande société des esprits, répandue partout, et partout indépendante. Cette correspondance dure encore; elle est une des consolations des maux que l’ambition et la politique répandent sur la terre. (...) On doit ces progrès à quelques sages, à quelques génies, répandus en petit nombre dans quelques parties de l’Europe, presque tous longtemps obscurs, et souvent persécutés. Ils ont éclairé et consolé la terre, pendant que les guerres la désolaient...” Le siècle de Louis XIV. In: *Oeuvres historiques.*, p. 1027-1028.